

# Ambiente familiar e aprendizagem escolar em alunos da educação infantil

Susie Helena de Araújo Ferreira  
Sylvia Domingos Barrera

*Universidade de São Paulo  
São Paulo, SP, Brasil*

---

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar as relações entre ambiente familiar e desempenho escolar na Educação Infantil. Participaram 30 crianças, com idade entre cinco e seis anos, alunas do Pré-III de uma escola pública, e um informante familiar das mesmas. Os pais responderam um questionário sobre condições socioeconômicas, educacionais, constituição familiar, e também o RAF – Inventário de Recursos do Ambiente Familiar. O desempenho escolar foi avaliado pelas habilidades de escrita dos alunos. Os resultados indicaram associação entre desempenho e recursos do ambiente familiar (RAF), especialmente brinquedos, jornais, revistas e livros e entre escolaridade materna e RAF. Constituição familiar e nível socioeconômico (NSE) não se associaram ao desempenho, mas foi obtida correlação entre NSE e RAF. Conclui-se que os principais fatores associados ao desempenho escolar são a presença de objetos culturais, que podem ser propiciado pela escola, discutindo-se a necessidade desta rever certos mitos relativos às “causas familiares” do fracasso escolar.

**Palavras-chave:** Ambiente familiar; desempenho acadêmico; educação infantil.

## ABSTRACT

*Home environment and academic performance in preschoolers*

The objective of this research was to examine the relationship between home environment and school achievement in preschoolers. Participants were 30 children aged between five and six years, students of the last year in a public preschool, and an informant of their families. The parents answered a questionnaire on familial socio-economic and educational conditions and also the RAF (questionnaire about the family environment resources). Achievement was measured by students' writing skills. The results indicated the association between performance and resources of the family environment (RAF), especially toys, newspapers, magazines and books, and between maternal education level and RAF. Constitution familial and socioeconomic status (SES) were not associated with performance, but it was found a correlation between SES and RAF. We conclude that the main factors associated with school performance were the presence of cultural objects that can be offered by the school, discussing the necessity of revising certain myths regarding “family reasons” of school failure.

**Keywords:** Home environment; school achievement; preschoolers.

## RESUMEN

*Entorno familiar y rendimiento escolar en pre-escolares*

El objetivo de esta investigación fue examinar la relación entre el entorno familiar y el rendimiento escolar en alumnos de la pre-escuela. Los participantes fueron 30 niños de edades comprendidas entre cinco y seis años, alumnos de lo último año de una pre-escuela pública, y un informante de cada familia. Los padres respondieron un cuestionario sobre los aspectos socio-económicos, entorno educativo de la familia, y también el RAF (cuestionario sobre los Recursos del Ambiente Familiar). El rendimiento fue medido por las habilidades de los estudiantes en la escrita. Los resultados indican la asociación entre el rendimiento y los recursos del entorno familiar (RAF), sobre todo juguetes, periódicos, revistas y libros, y entre la educación materna y el RAF. La constitución y el estado socioeconómico de la familia (NSE) no se asociaron con el rendimiento, pero fue encontrada una correlación entre el NSE y el RAF. Se concluye que los principales factores asociados con el rendimiento escolar son la presencia de objetos culturales que pueden ser ofrecidos por la escuela, hablando de la necesidad de revisar ciertos mitos con respecto a “razones familiares” del fracaso escolar.

**Palabras clave:** Entorno familiar; rendimiento escolar; pre-escolares.

---

## INTRODUÇÃO

O estudo das relações entre ambiente familiar e desempenho escolar é um tema bastante polêmico na pesquisa educacional. No Brasil, a partir da década de 70, ideias sobre a “privação”, “deficiência” ou “carência” cultural das crianças provenientes de famílias de baixo nível socioeconômico, apontadas como a principal causa do fracasso escolar das mesmas, foram bastante difundidas pela Psicologia. A partir da década de 80, entretanto, tais ideias, que utilizavam como parâmetro para definir a condição de carência desses alunos, os padrões da cultura dominante e as exigências da escola, têm sofrido várias críticas por parte de estudos antropológicos, linguísticos e também por uma vertente mais crítica da Psicologia Escolar, representada principalmente pelos trabalhos de Patto (1990; 1997). Tais críticas têm denunciado o caráter ideológico e mistificador dessas concepções, que acabam por culpar o aluno pobre e sua família pelo seu fracasso escolar, retirando da escola e do sistema público de ensino a responsabilidade que lhes cabe nesse processo.

De acordo com Patto (1997), a Psicologia afirma, através da teoria da carência cultural, que “[...] o ambiente familiar na pobreza é deficiente de estímulos sensoriais, de interações verbais, de contatos afetivos entre pais e filhos, de interesse dos adultos pelo destino das crianças, num visível desconhecimento da complexidade e das nuances da vida que se desenrola nas casas dos bairros mais pobres” (p. 285).

Essa visão apóia-se em muitos preconceitos, uma vez que a falta de envolvimento familiar acontece muito hoje em dia, também em famílias bem estruturadas financeiramente, em função do empenho dos pais ao seu trabalho, dispondo de pouco tempo à educação de seus filhos.

Entretanto, no estudo das relações entre ambiente familiar e desempenho escolar, “é preciso cautela para não adotar posições extremas, seja isentando a família de qualquer influência, seja atribuindo a ela toda a carga de responsabilidade pelo desempenho escolar do aluno” (Marturano, 1998, p.73).

Também Zago (2000), em seu estudo sobre trajetórias de escolarização nos meios populares, afirma que

A família, por intermédio de suas ações materiais e simbólicas, tem um papel importante na vida escolar dos filhos, e este não pode ser desconsiderado. Trata-se de uma influência que resulta de ações muitas vezes sutis, nem sempre conscientes e intencionalmente dirigidas (pp. 20-21).

Na verdade, muitos são os fatores que podem influenciar a aprendizagem de uma criança, dentre eles destacam-se variáveis da escola, da própria criança e do ambiente familiar. Wang, Hartel e Walberg (1990), realizaram uma pesquisa buscando identificar, a partir da análise de um corpus de 178 trabalhos científicos sobre o tema, as principais variáveis relacionadas à aprendizagem escolar, ordenando-as a partir do efeito observado. De acordo com esse estudo, aspectos da criança – sua metacognição, estratégias de autorregulação, autocontrole e estratégias para facilitar a generalização de conceitos – são as principais variáveis que exercem impacto sobre o processo de aprendizagem.

Em seguida, o estudo aponta a influência de variáveis intraescolares: manejo em sala de aula, quantidade e qualidade de ensino, interações professor-aluno e clima da sala de aula. A variável extraescolar ambiente familiar aparece em terceiro lugar e apresenta duas questões importantes: o envolvimento dos pais na vida escolar e o ambiente educacional no lar.

Apesar da variável família aparecer em terceiro lugar nessa ordenação, a análise dos autores sugere que as variáveis relativas à criança sofram efeitos indiretos do contexto familiar. Ambientes familiares que disponham de jogos e materiais educacionais que potencializem as habilidades cognitivas e a aprendizagem, que possuam livros e outros materiais de leitura e ainda espaços próprios para a criança estudar, fazer lição, são considerados facilitadores da aprendizagem escolar. Entretanto, ter apenas a estrutura necessária não é o suficiente se não houver os pais ou algum adulto que sirva de mediador para orientar e incentivar a criança a usufruir desse ambiente.

Já o envolvimento ideal dos pais estaria relacionado ao investimento de tempo e de recursos na criação e educação dos filhos. Fornecer recursos emocionais essenciais para garantir um senso de competência, assistir nas lições de casa, ler para a criança, ouvir sua leitura, perguntar sobre a escola, monitorar as saídas, companhias e amizades. O clima emocional positivo também influencia no desempenho escolar das crianças, porque de acordo com Martini (1995, apud Marturano, 1998), elas melhoram o desempenho quando os adultos em casa são mais unidos, cooperativos e cordiais. E algo muito importante é que “as crenças e expectativas dos pais sobre as capacidades da criança podem, quando desfavoráveis, diminuir a motivação para aprender, o que terá um efeito negativo sobre o desempenho escolar” (Marturano, 1998, p. 80).

## A ESCOLA E A FAMÍLIA ENQUANTO CONTEXTOS EDUCACIONAIS

A escola e a família costumam ser definidas como os ambientes mais importantes de socialização. São também consideradas como ambientes educacionais, os quais devem ser entendidos enquanto contextos sociais, com suas dimensões culturais e históricas, construídos dinamicamente, a partir da atividade dos participantes, sendo também constituídos pelas pessoas que neles desempenham determinados papéis, cumprindo funções específicas (Lacasa, 2004).

Bronfenbrenner (1996), em sua teoria ecológica do desenvolvimento humano, enfatiza o estudo dos vários contextos ambientais nos quais o indivíduo está inserido, os quais exercem impacto sobre o crescimento psicológico em função dos papéis, atividades e interações sociais que neles se estabelecem. Propõe ainda a importância da criação de pontes entre os diferentes ambientes educacionais, como a família e a escola, por exemplo,

Assim, a capacidade de um ambiente – tal como o lar, a escola ou o local de trabalho – de funcionar efetivamente como um contexto para o desenvolvimento é vista como dependendo da existência e natureza das interconexões sociais entre os ambientes, incluindo a participação conjunta, a comunicação e a existência de informações em cada ambiente a respeito do outro. (Bronfenbrenner, 1996)

A família é o primeiro ambiente de socialização do indivíduo, e uma das principais instituições mediadoras dos padrões e modelos culturais. É transmissora de valores, crenças, ideias e significados presentes na sociedade, portanto exerce uma forte influência no comportamento dos indivíduos, especialmente nas crianças. São as experiências familiares que proporcionam a formação inicial de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas (Dessen e Polônia, 2007).

As transformações que ocorrem na sociedade se concretizam por meio das interações familiares, e estas influenciarão as relações familiares futuras. Assim, ao longo do tempo, a instituição familiar tem se modificado, assumindo novas configurações, sendo que, atualmente, podemos observar diferentes modelos de família coexistindo na sociedade contemporânea: nuclear-tradicional, recasadas, monoparentais, homossexuais, etc. Entretanto, o modelo nuclear-tradicional ainda está muito presente no ideário da sociedade como um todo, fazendo com que novas formas de organização familiar que se afastam do mesmo sejam consideradas muitas vezes como exemplos de “desorganização” ou “desestruturação” familiar, passíveis de influenciar

negativamente o desenvolvimento moral e escolar de seus membros, preconceito esse que é mais presente nas formas de organização familiar das camadas populares, conforme apontou Mello (1992).

Os laços afetivos formados dentro da família, quando positivos, favorecem o ajustamento do indivíduo aos diferentes ambientes de que participa. Quando negativos, porém, podem dificultar o desenvolvimento, gerando problemas de ajustamento e dificuldades de interação social. Os vínculos afetivos, a autoestima, o autoconceito e as formas de interação social são fortemente influenciados pelas figuras parentais (Dessen e Polônia, 2007).

A escola, por sua vez, é um contexto multicultural e diversificado de desenvolvimento e aprendizagem, onde pessoas com características diferenciadas estabelecem interações contínuas e complexas, constroem laços afetivos e se preparam para se inserir na sociedade. É, portanto, uma instituição fundamental não apenas para a transmissão do conhecimento socialmente elaborado, mas também para a preparação dos alunos para a vida, contribuindo para o seu desenvolvimento e propiciando recursos para a evolução intelectual, social e cultural do homem (Dessen e Polônia, 2007).

No que se refere especificamente à escola de Educação Infantil, a LDB 9394, em seu art. 29, afirma que as finalidades desse nível de ensino são “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996). Assim, a estrutura física, organização de conteúdos e metodologias de ensino devem respeitar as características evolutivas do aprendiz dessa faixa etária, buscando articular os conhecimentos às experiências dos alunos, priorizando atividades educativas voltadas ao desenvolvimento e à aprendizagem.

Na medida em que constituem os dois principais ambientes do desenvolvimento humano, seria importante existir uma maior ligação entre a escola e a família. No projeto pedagógico da escola deveria ser inserido um espaço para valorização, reconhecimento e trabalho com as práticas educativas familiares, pois esse é um importante recurso nos processos de aprendizagem dos alunos.

As práticas familiares, por sua vez, podem incidir num bom rendimento escolar da criança, na medida em que os pais demonstrem interesse pelas atividades e pelos conteúdos escolares. É importante que a criança sinta que a família valoriza e se preocupa com a sua aprendizagem, estimulando-a na realização das demandas escolares, como a frequência à escola e a realização dos deveres de casa, por exemplo.

Um bom diálogo família-escola contribui para que se estabeleçam melhores relações entre esses contextos, proporcionando maior interesse, valorização e significação dos mesmos. Tanto os pais quanto os professores devem estar conscientes da importância de se relacionar tais ambientes.

### AMBIENTE FAMILIAR E DESEMPENHO ESCOLAR: O QUE DIZEM AS PESQUISAS

Segundo Marturano (2006) o interesse dos pesquisadores no estudo da influência familiar sobre o aprendizado escolar se intensificou a partir dos anos 50, sendo que, a partir da década de 60, passou-se a investigar também, além das variáveis socioeconômicas, a influência de processos da vida familiar sobre o desempenho escolar. Os resultados dessas pesquisas têm indicado que a família pode influenciar positivamente o aprendizado escolar, a motivação para os estudos e proporcionar à criança competências interpessoais para um bom relacionamento com professores e colegas. Os aspectos da vida familiar enfatizados pela autora vão desde a atmosfera e organização do lar até a participação dos pais na vida escolar da criança, tendo sido identificados efeitos do ambiente familiar nos diferentes níveis de ensino, da educação infantil ao ensino universitário.

Santos e Graminha (2005) realizaram uma pesquisa buscando investigar a influência de diferentes aspectos do contexto familiar sobre o rendimento acadêmico de crianças de 1ª. e 2ª. séries, com alto e baixo desempenho escolar. A partir da aplicação de questionários, foram obtidos dados sobre o nível socioeconômico e de escolaridade dos pais, além de informações sobre a estruturação familiar e a história de desenvolvimento das crianças. Os resultados indicaram que o ambiente familiar das crianças de baixo rendimento escolar tende a apresentar um número maior de adversidades, desde a concepção das mesmas, sendo que as famílias apresentam também níveis socioeconômicos e de escolaridade mais baixos. As famílias das crianças com alto rendimento escolar, por sua vez, dispõem de um ambiente mais rico em termos de materiais e estímulos para o desenvolvimento, sendo que as mães participam mais das reuniões escolares.

A pesquisa realizada por Ferreira e Marturano (2002), analisando a relação entre ambiente familiar e problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar, revelou que comportamentos externalizantes (hiperatividade, impulsividade, oposição, agressão, desvio e manifestações anti-sociais), tendem a ocorrer em contextos de adversidade ambiental. Esta pesquisa foi realizada

com crianças de 7 a 11 anos de idade, encaminhadas para atendimento por dificuldades escolares, sendo que parte da amostra apresentava também problemas comportamentais. Informações sobre recursos e adversidades do ambiente familiar foram obtidas através de entrevistas com as mães e da aplicação da Escala de Eventos Adversos (EEA) e do Inventário de Recursos do Ambiente Familiar (RAF). Os resultados indicaram que o grupo de crianças com problemas de comportamento apresentou menos recursos e maior adversidade ambiental, incluindo problemas nas relações familiares, falhas parentais quanto à supervisão, monitoramento e suporte, menor investimento dos pais no desenvolvimento infantil, além de práticas punitivas e modelos adultos agressivos. No grupo de crianças sem problemas de comportamento, ao contrário, observou-se um ambiente familiar mais apoiador. As interações familiares envolviam mais oportunidades de convivência entre a criança e os pais, além de suporte para enfrentamento de dificuldades cotidianas.

D'Avila-Bacarji, Marturano e Elias (2005) investigaram o suporte parental recebido por crianças apresentando queixas escolares que foram encaminhadas para atendimento psicológico, em comparação com crianças não encaminhadas. Para esta investigação foram consideradas três formas de suporte parental: suporte para a realização escolar, mostrando o envolvimento dos pais com a vida acadêmica dos filhos; suporte ao desenvolvimento, para analisar a disposição dos pais quanto ao investimento de tempo e recursos para seus filhos; e suporte emocional, observando o clima emocional na família. A investigação do ambiente familiar foi realizada através da aplicação do RAF (Inventário de Recursos do Ambiente Familiar). Os resultados indicaram que as crianças encaminhadas para atendimento psicológico apresentaram indícios de vulnerabilidade pessoal, mostrando desempenho cognitivo empobrecido e mais problemas socioemocionais. Analisando o suporte parental, notou-se que essas crianças têm um menor acesso a recursos promotores do desenvolvimento, tais como menos passeios e atividades compartilhadas com os pais, menos brinquedos e menos contato com materiais como livros, revistas e jornais, além de ambiente familiar mais conflituoso, o que prejudica também o suporte emocional. Não foram encontradas, diferenças entre os grupos no que se refere ao suporte para a realização escolar.

De acordo com Fan e Chen (2001), há ainda, na literatura científica, bastante inconsistência entre os resultados de pesquisas que buscam estudar a relação entre envolvimento parental e desempenho acadêmico. Tal inconsistência deve-se, em grande parte, a variedades na definição operacional de “envolvimento

parental” e “desempenho acadêmico”, assim como às diferentes possibilidades de mensurar essas variáveis.

Em seu estudo de meta-análise dos resultados quantitativos de 25 pesquisas sobre o tema, Fan e Chen (2001) chegaram à conclusão da existência de uma correlação de intensidade fraca a moderada, entre envolvimento parental e desempenho acadêmico. Uma análise mais detalhada dos fatores considerados no envolvimento parental revelou que a aspiração/ expectativa dos pais sobre o desempenho acadêmico dos filhos foi o fator que obteve as mais fortes correlações com o desempenho, enquanto o apoio/supervisão das atividades acadêmicas apresentou as mais baixas correlações. Por outro lado, correlações mais fortes são obtidas quando o desempenho escolar é avaliado por medidas globais do que quando se refere a matérias ou disciplinas específicas.

Pesquisas de caráter etnográfico também têm sido realizadas, buscando investigar as relações entre aspectos familiares e desempenho escolar. A pesquisa de Chechia e Andrade (2005), realizada com pais de alunos com sucesso e insucesso escolar, teve como objetivo conhecer as concepções dos pais sobre a escola, o desempenho escolar dos seus filhos e o envolvimento deles próprios no cotidiano escolar. Os dados revelaram que tanto as famílias com filhos que apresentam sucesso escolar como as que apresentam filhos com insucesso, dedicam uma grande atenção à vida escolar dos filhos.

Foi observado pelos dados da pesquisa citada (Chechia e Andrade, 2005) que as mães, principalmente aquelas cujos filhos estão inseridos nos casos de insucesso, fazem-se muito presentes, assessorando os filhos nas tarefas, na organização do material, mas revelam que precisam ser mais bem orientadas. Os pais de filhos com sucesso escolar revelam que o êxito ou o bom desempenho é responsabilidade da criança, da família e do professor, enquanto que os pais de alunos com insucesso direcionam a responsabilidade à escola e aos professores, mas alguns relatos revelam também que o excesso de mimo e a falta de limites colaboram para o insucesso.

Outros estudos, partindo de uma abordagem sociológica e utilizando metodologias qualitativas, também têm buscado investigar a relação entre vida familiar e vida escolar. A pesquisa de Zago (2000), que buscou analisar os percursos escolares de um grupo de estudantes das classes populares, demonstra a complexidade das relações entre família e escola, mostrando o caráter heterogêneo dos percursos escolares nos meios sociais desfavorecidos. Seus resultados indicam que o destino final (sucesso ou fracasso) é resultante de um conjunto de fatores entre

os quais se destacam, além da mobilização familiar voltada para as atividades escolares dos filhos, as práticas familiares de socialização e transmissão de valores, o apoio sistemático de algum(s) professor(es), a demanda escolar relacionada à atividade profissional, o tipo de trajetória social e escolar, etc.

Já a pesquisa de Portes (2000), buscando analisar o “trabalho escolar” de famílias socioeconomicamente desfavorecidas, cujos filhos chegaram à universidade pública em cursos bastante concorridos, identificou algumas práticas familiares que teriam favorecido o sucesso escolar desses estudantes. Entre essas práticas destacam-se: a ordem moral doméstica, (valorização dos estudos), a presença e o apoio constante da família no trabalho escolar, especialmente por parte das mães, além de formas de solidariedade econômica e psicológica exteriores ao grupo familiar nuclear.

Tais resultados vêm ao encontro daqueles obtidos por Lahire (2004), em sua pesquisa sociológica sobre os fatores familiares relacionados ao sucesso e ao fracasso escolar em alunos de meios populares, realizada a partir de entrevistas em profundidade com pais e professores de 27 alunos de 3ª série. Os dados de Lahire permitem identificar a interdependência de uma complexa rede de fatores familiares relacionados ao desempenho escolar, entre os quais se destacam: a existência de um maior ou menor capital cultural por parte da família, relacionado não apenas ao grau de instrução dos pais e avós, mas também à presença de objetos culturais no ambiente familiar e, sobretudo, de adultos que façam uso dos mesmos, favorecendo assim a sua apropriação pelas crianças; o grau de valorização simbólica da experiência escolar pelos familiares; a experiência escolar dos pais com as atividades de leitura e escrita (sucesso, fracasso, bloqueio, etc); a estabilidade e convergência entre os princípios de socialização familiares e entre estes e os escolares; a influência dos modelos masculino (pai) e feminino (mãe) na constituição das identidades sexuais e perfis escolares.

Outro resultado importante da pesquisa de Lahire (2004) diz respeito ao que ele chama de “mito” da omissão (ou negligência) parental, produzido pelos professores que deduzem, a partir do comportamento e do desempenho escolar dos alunos, que os pais não se incomodam com os filhos, afirmando:

Quase todos os [pais] que investigamos, qualquer que seja a situação escolar da criança, têm o sentimento de que a escola é algo importante, e manifestam a esperança de ver os filhos sair-se melhor do que eles. [...] Almejam para sua progênie um trabalho menos cansativo, menos sujo, menos mal-remunerado, mais valorizado que o deles (p. 334).

## OBJETIVOS

O tema da relação entre ambiente familiar e aprendizagem escolar constitui uma questão bastante complexa e muito controversa na literatura educacional. Assim, é objetivo da presente pesquisa realizar um estudo das relações entre alguns aspectos do ambiente familiar e do desempenho escolar de alunos da educação infantil, possibilitando uma maior compreensão das possíveis influências da família sobre a aprendizagem nesse período escolar. Pretende-se, portanto, analisar se e quais aspectos do ambiente familiar estariam associados ao desempenho escolar, de modo a oferecer subsídios para um melhor manejo e orientação das relações entre família e escola, além de investigar se o ambiente familiar exerce impacto sobre a aprendizagem desde os níveis iniciais da escolarização infantil.

## MÉTODO

### Local

A pesquisa foi realizada em uma escola pública de Ed. Infantil, localizada numa cidade do interior do estado de São Paulo, que atende predominantemente a uma população de nível socioeconômico baixo.

### Participantes

Participaram do estudo 30 crianças com idade entre 5 e 6 anos, 13 meninos e 17 meninas, alunas de duas classes do Pré-III da referida escola, regidas pela mesma professora, e um informante familiar das mesmas.

### Instrumentos

Para a coleta de dados sobre o ambiente familiar foram utilizados dois instrumentos: a) um questionário elaborado pela pesquisadora, contendo questões a respeito da constituição familiar e das condições socioeconômicas e educacionais da família; b) o RAF – Inventário de Recursos do Ambiente Familiar, elaborado por Marturano (2006), o qual tem como objetivo possibilitar um levantamento de recursos do ambiente familiar que podem contribuir para o aprendizado escolar nos anos do ensino fundamental. É composto por 10 questões abordando as seguintes temáticas: o que a criança faz quando não está na escola, suas atividades regulares, seus últimos passeios, as atividades que os pais desenvolvem com ela em casa, os brinquedos que ela tem ou já teve, se existe jornais, revistas e livros na sua casa, se alguém acompanha a criança nos afazeres da escola, se ela tem uma rotina estabelecida para tomar banho, almoçar, brincar, fazer lição de casa, etc., se a

família tem o costume de se reunir nas refeições, nos finais de semana, etc. Resultados de estudos utilizando o RAF têm apresentado indícios de fidedignidade e validade satisfatórios para este instrumento.

Os dados referentes à aprendizagem/desempenho escolar dos participantes foram obtidos através de uma sondagem das habilidades de escrita dos mesmos, realizada a partir de uma atividade de autotitulado. A atividade consistiu em solicitar às crianças que escrevessem “à sua maneira” os nomes de alguns personagens da turma da Mônica, cujas figuras encontravam-se impressas numa folha de papel sulfite.

A escolha de um instrumento de escrita para avaliar desempenho ou aprendizagem escolar na Educação Infantil pode causar certa polêmica, uma vez que, segundo a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), a alfabetização não faz parte dos objetivos da Educação Infantil. Entretanto, foi observado que, na escola onde foi realizada a pesquisa, existe a intenção de alfabetizar os alunos do Pré III, ensinando desde já a trabalhar com o alfabeto e treinar a escrita. A tarefa de casa é outra forma de reforçar o aprendizado da leitura e escrita. Por isso foi considerado pertinente também usar o Inventário de Recursos do Ambiente Familiar – RAF (Marturano, 2006), elaborado para o levantamento de dados no ensino fundamental, já que as questões colocadas neste questionário, inclusive as referentes às tarefas de casa, são cabíveis também para coletar dados nessa escola de educação infantil.

### Procedimento de coleta e análise dos dados

O projeto de pesquisa foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição à qual pertencem as pesquisadoras.

No início do semestre letivo, foi realizada a entrevista com os pais e/ou responsáveis que se dispuseram a participar da pesquisa, na qual foram aplicados o questionário e o RAF, visando coletar os dados sobre o ambiente familiar. No final do semestre, houve a sondagem de escrita dos alunos participantes. Esta aconteceu coletivamente, numa situação de sala de aula, onde, após assistirem a um filme sobre a Turma da Mônica, os alunos foram solicitados a escrever os nomes de alguns personagens. A sondagem foi realizada pela pesquisadora, que incentivou os alunos a realizar a atividade de escrita individualmente. A escrita do próprio nome também foi utilizada como critério para avaliação na atividade de escrita.

Os dados sobre as características do ambiente familiar foram analisados em três aspectos: organização/constituição familiar, nível socioeconômico e recursos do ambiente familiar.

Na análise da organização/constituição familiar foram consideradas duas categorias, a saber, organização familiar tradicional (família composta por pai e mãe, naturais ou substitutos, e irmãos) e organização familiar alternativa (famílias onde havia a ausência de pelo menos um dos genitores).

Na análise do nível socioeconômico foram atribuídos pontos em função da renda familiar (em termos da quantidade de salários mínimos equivalentes) e da quantidade de cômodos, eletrodomésticos e outros bens presentes no ambiente familiar. A partir dessa pontuação foram calculados os quartis, o que permitiu estabelecer três categorias para o nível socioeconômico: nível socioeconômico inferior (pontuações menores ou iguais ao 1º quartil), nível socioeconômico superior (pontuações maiores ou iguais ao 3º quartil) e nível socioeconômico médio (pontuações entre o 1º e 3º quartis).

Na análise do RAF, cada uma das dez questões foi pontuada de acordo com as instruções previstas no instrumento. Para essa parte do questionário também foram calculados os quartis com base na distribuição de pontuações da amostra, tendo sido estabelecidas três categorias: RAF inferior (pontuação menor ou igual ao 1º quartil), RAF superior (pontuação maior ou igual ao 3º quartil) e RAF Médio (pontuação entre o 1º e o 3º quartis).

Na análise da aprendizagem escolar, os participantes foram divididos em três categorias de acordo com o desempenho apresentado na avaliação de escrita: Grupo I – Desempenho Superior (sabem escrever o próprio nome e demonstram conhecimento e uso adequado de algumas letras, no início das palavras e/ou na composição das sílabas); Grupo II – Desempenho Médio (sabem escrever o próprio nome e utilizam apenas letras em suas tentativas de escrita, porém de forma aleatória, sem demonstrar compreensão do valor sonoro das mesmas); Grupo III – Desempenho Inferior (não sabem escrever o nome e utilizam números e/ou pseudoletas em suas produções escritas).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta a distribuição dos resultados obtidos pelos participantes, relacionando o desempenho escolar (atividade de escrita) com as variáveis do ambiente familiar analisadas, a saber: constituição familiar, nível socioeconômico e recursos do ambiente familiar.

Analisando-se os dados sobre desempenho escolar e constituição familiar, é possível perceber que a maioria dos participantes apresentou desempenho médio (sabiam escrever o próprio nome, porém utilizavam as letras de forma aleatória, sem compreensão da relação entre as mesmas e os fonemas que representam) e eram provenientes de famílias de organização tradicional (pai, mãe e filhos). Calculando-se o Qui-quadrado, teste estatístico para análise da associação entre variáveis, obteve-se o valor  $\chi^2=0,39$ , o qual é inferior ao  $\chi^2$  crítico = 5,991 (gl=2;  $p<0.05$ ) o que indica que não foi encontrada relação de dependência entre desempenho escolar e constituição familiar. Esse resultado sugere que o fato da criança pertencer a uma família com organização tradicional ou alternativa não influencia no seu desempenho escolar. Portanto, o desempenho comprometido de um aluno não pode ser atribuído pelo professor, como ocorre frequentemente, à organização familiar da criança.

Os dados obtidos estão de acordo com aqueles apresentados por Dessen e Polônia (2007), mostrando mudanças na configuração familiar, com mais de 25% das famílias organizadas de forma não convencional, nas quais pelo menos um dos genitores não se encontra presente (geralmente o pai), tendo, em alguns casos, sido substituído por avós ou outros parentes, como tios e tias, por exemplo. Porém, essas formas diversas de organização familiar, relacionadas a características históricas (aumento do número de separações, bem como de famílias encabeçadas pela mãe) e mesmo socioeconômicas (dificuldade para criar todos os filhos, dividindo essa função com outros familiares; mortes

TABELA 1  
Distribuição das frequências obtidas, em função das características do ambiente familiar e do desempenho escolar.

<i>Ambiente Familiar</i>	<i>Desempenho Escolar</i>				<i>Total</i>
		<i>Superior</i>	<i>Médio</i>	<i>Inferior</i>	
Organização Familiar	Tradicional	5	11	4	20
	Alternativa	2	5	3	10
Nível Socioeconômico (NSE)	NSE Superior	3	6	0	9
	NSE Médio	3	7	3	13
	NSE Inferior	1	3	4	8
RAF	RAF Superior	4	3	3	10
	RAF Médio	3	9	0	12
	RAF Inferior	0	4	4	8

e situações adversas dos genitores) não determinam, necessariamente, conflitos e dificuldades de ordem psicológica – as quais poderiam influenciar de forma negativa o desempenho escolar – desde que as condições básicas de proteção e afeto estejam presentes na família, conforme salienta Mello (1992).

Analisando-se a relação entre desempenho escolar e condições socioeconômicas (Tabela 1), obteve-se o valor de  $\chi^2=6$ , o qual é inferior ao  $\chi^2$  crítico=9,488 (gl=4;  $p<0,05$ ), o que indica que não foi encontrada relação de dependência entre essas variáveis.

É importante ressaltar que, embora as crianças estudadas sejam alunas de uma mesma escola pública e que as famílias, de modo geral, residam na circunvizinhança da escola, o que diminui as diferenças socioeconômicas entre elas, foi constatada na amostra uma boa amplitude de variação com relação a essa variável (de 12 a 30 pontos), o que permite afirmar que havia certa heterogeneidade em termos de condições socioeconômicas na amostra pesquisada.

O fato de não ter sido encontrada relação de dependência entre essas variáveis também nos leva a repensar a ideia bastante disseminada no ambiente escolar, de que uma criança com poucos recursos socioeconômicos terá, necessariamente, um comprometimento no seu desempenho escolar. As pesquisas de Portes (2000), Zago (2000) e Lahire (2004) também evidenciam a heterogeneidade dos percursos escolares de estudantes provenientes de famílias de baixa renda, mostrando a complexidade e multiplicidade dos fatores que influenciam o rendimento escolar dos alunos, tanto no nível familiar, como no nível escolar.

Na análise da associação entre desempenho escolar e recursos do ambiente familiar (Tabela 1), obteve-se um valor de  $\chi^2=10,6$ , superior ao  $\chi^2$  crítico=9,488 (gl=4;  $p<0,05$ ), o que indica que foi encontrada relação de dependência entre essas variáveis. Esse resultado sugere que o desempenho escolar do aluno é influenciado por recursos do ambiente familiar.

Analisando os resultados do RAF mais detalhadamente, comparando o subgrupo que obteve pontuações superiores (10 crianças) com aquele que obteve pontuações inferiores (8 crianças) nesse instrumento, foi observado que, em todas as questões, o subgrupo com resultados superiores apresentou pontuação média mais elevada do que o subgrupo com resultados inferiores, porém essa diferença entre os subgrupos foi maior em algumas delas. As questões nas quais esses dois grupos se diferenciaram de forma significativa (a partir da utilização do teste t da diferença entre médias) foram aquelas relativas à presença de jornais, revistas, livros e brinquedos no ambiente familiar, bem como as questões sobre

atividades compartilhadas com os pais, incluindo reuniões familiares, o que vem ao encontro dos resultados obtidos por D'Avila-Bacarji et al. (2005).

Chama a atenção, a princípio, o fato de que a questão sobre a “ajuda nos afazeres da escola” não tenha apresentado uma diferença significativa entre os grupos. Entretanto, esse resultado é compatível com o de algumas pesquisas, como a de Fan e Chen (2001), Chechia e Andrade (2005) e a de D'Avila-Bacarji et al. (2005), as quais demonstram que, de modo geral, as famílias valorizam os deveres escolares e buscam auxiliar as crianças nessas tarefas, independentemente do rendimento escolar das mesmas, ou às vezes, com maior intensidade quando esse rendimento se mostra insuficiente.

Por outro lado, os resultados obtidos no RAF indicam que boa parte das condições que diferenciaram as famílias estão relacionadas a aspectos que, de modo geral, podem ser trabalhados pela escola (e em especial pela escola de Educação Infantil), oferecendo um ambiente alfabetizador mais rico em termos de livros, revistas e brinquedos disponíveis, com vistas a favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

Quanto à diferença observada em termos de atividades compartilhadas com os pais, incluindo reuniões familiares, entre os grupos com RAF superior e inferior, é importante considerar que essa disponibilidade dos pais para interagir com os filhos depende, em grande parte, da existência de um contexto social favorável, pois, como afirma Bronfenbrenner (1996),

a possibilidade de os pais apresentarem um desempenho efetivo em seus papéis na educação dos filhos dentro da família depende das exigências dos papéis, dos estresses e dos apoios oriundos de outros ambientes. [...] [estando relacionada] a fatores externos como a flexibilidade dos horários de trabalho, a adequação dos arranjos de atendimento para as crianças, a presença de amigos e vizinhos que possam ajudar em emergências grandes e pequenas, a qualidade dos serviços social e de saúde e a segurança do bairro (p. 8).

A Tabela 2 apresenta os resultados obtidos em função da relação entre escolaridade do pai, desempenho escolar da criança e recursos do ambiente familiar.

Os dados apresentados na Tabela 2 evidenciam que, no que se refere à escolaridade do pai, o nível de instrução predominante é o ensino fundamental incompleto. A análise estatística indica que não foi encontrada relação de dependência entre o nível de escolaridade do pai e o desempenho escolar da criança ( $\chi^2=6,88$ ;  $\chi^2$  crítico=12,59;  $p<0,05$ ), nem entre a escolaridade do pai e os recursos do ambiente familiar ( $\chi^2=8,05$ ;  $\chi^2$  crítico=12,59;  $p<0,05$ ).

TABELA 2  
Distribuição das frequências obtidas, em função da escolaridade do pai, RAF e desempenho escolar.

<i>Escolaridade Do Pai</i>		<i>Ensino Fundamental (Incompleto)</i>	<i>Ensino Fundamental (Completo)</i>	<i>Ensino Médio (Incompleto)</i>	<i>Ensino Médio (Completo)</i>	<i>Total</i>
Desempenho Escolar	Superior	1	1	1	2	5
	Médio	5	1	3	4	13
	Inferior	4	0	0	0	4
RAF	Superior	2	1	1	4	8
	Médio	2	1	2	2	7
	Inferior	6	0	1	0	7

TABELA 3  
Distribuição das frequências obtidas, em função da escolaridade da mãe, RAF e desempenho escolar.

<i>Escolaridade Da Mãe</i>		<i>Ensino Fundamental (Incompleto)</i>	<i>Ensino Fundamental (Completo)</i>	<i>Ensino Médio (Incompleto)</i>	<i>Ensino Médio (Completo)</i>	<i>Total</i>
Desempenho Escolar	Superior	0	1	2	4	7
	Médio	5	2	1	6	14
	Inferior	3	1	1	2	7
RAF	Superior	0	4	1	5	10
	Médio	2	0	3	6	11
	Inferior	6	0	0	1	7

A Tabela 3 apresenta os resultados obtidos em função da relação entre escolaridade da mãe, desempenho escolar da criança e recursos do ambiente familiar.

Com relação ao nível de escolaridade da mãe, pode-se afirmar que predomina o ensino médio completo, indicando que a escolaridade das mães é superior à dos pais na amostra estudada. Calculando-se o Qui-quadrado, para análise da associação entre escolaridade da mãe e desempenho escolar da criança, obteve-se o valor  $\chi^2=4,91$ , inferior ao  $\chi^2$  crítico = 12,592 (gl=6;  $p<0,05$ ), o que indica que não foi encontrada relação de dependência entre essas variáveis.

O fato da escolaridade dos pais e mães não se mostrar relacionada ao desempenho escolar dos filhos, pelo menos nessa etapa inicial de escolarização, reforça novamente o papel da escola na determinação da aprendizagem escolar.

Já o Qui-quadrado obtido na análise da associação entre nível de escolaridade da mãe e recursos do ambiente familiar foi significativo ( $\chi^2=22,69$ ;  $\chi^2$  crítico = 12,59;  $p<0,05$ ), o que indica que a relação entre essas variáveis não é aleatória. Analisando-se essa relação à luz dos demais dados obtidos, pode-se inferir que, nas famílias onde as mães apresentam maior nível de escolaridade, há mais recursos culturais disponíveis como livros, jornais e revistas, podendo sugerir também maiores recursos das mães para mediar as interações das crianças com esses objetos culturais.

Finalmente, buscou-se investigar a existência de relação entre o nível socioeconômico familiar (NSE) e os resultados do RAF, utilizando-se o cálculo da correlação de Pearson, tendo sido obtido um valor de  $r=0,37$  ( $p<0,05$ ). Tal resultado indica a existência de uma correlação positiva moderada entre NSE e RAF, demonstrando uma tendência de que, quanto maior o nível socioeconômico da família, maior a quantidade de recursos disponíveis, relação essa que pode ser generalizada para a população da qual a amostra faz parte.

É possível considerar, portanto, que, embora o NSE não tenha se mostrado diretamente associado ao desempenho escolar da amostra pesquisada, essa variável parece ter um efeito indireto sobre a aprendizagem, na medida em que está associada aos recursos culturais do ambiente familiar (disponibilidade de brinquedos, livros, jornais e revistas), bem como à maior disponibilidade dos pais para se reunir e compartilhar atividades com os filhos, recursos esses que, por sua vez, parecem exercer influência direta sobre o desempenho escolar dos alunos.

É importante salientar, entretanto, que a escola não pode se eximir do seu papel de oferecer todos os recursos possíveis para a alfabetização da criança, independente dos recursos disponíveis em seu lar. E em muitos casos, a criança só terá contato com um livro, com uma música clássica, com uma obra de arte, e, mais importante, com

um mediador qualificado para intermediar de forma mais produtiva esse contato, dentro da escola. Portanto, é imprescindível que a escola ofereça vários recursos culturais ao invés de esperar por alunos idealizados, que já chegam à escola praticamente alfabetizados, facilitando, assim, o trabalho que essa instituição tem a função de realizar.

Numa sala de aula, a turma será sempre heterogênea, vão existir alunos com mais dificuldades, outros com menos. E também existirão as diferenças socioeconômicas, mas o professor da escola pública não pode deixar de realizar seu trabalho, contemplando, de modo especial, aqueles alunos que, em casa, não possuem recursos suficientes para se apropriarem da cultura formal. Se o trabalho do professor for bem realizado, um aluno de família de nível socioeconômico mais baixo terá maiores chances de acompanhar os outros alunos que já possuem mais recursos em seus lares.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da presente pesquisa indicam que, já na educação infantil, pode-se perceber associação entre o desempenho escolar/aprendizagem dos alunos e alguns aspectos do ambiente familiar, especialmente no que se refere à disponibilidade de brinquedos e objetos culturais (livros, jornais e revistas), bem como à quantidade de atividades e reuniões compartilhadas com os pais. Foram obtidas ainda evidências de associação entre os recursos do ambiente familiar e o grau de escolaridade das mães, bem como entre os recursos do ambiente familiar e o nível socioeconômico das famílias.

Quanto à influência dos brinquedos e objetos culturais, é importante salientar que a própria escola de educação infantil deve assumir para si a responsabilidade de propiciar a seus alunos um ambiente lúdico e rico em termos de objetos e práticas culturais, independente dos recursos presentes no seio familiar.

Com relação à constituição familiar, os resultados da pesquisa indicam que organizações familiares não convencionais, que fogem ao modelo nuclear composto por pai, mãe e filhos, não se encontram associadas a baixo desempenho escolar, o que ajuda a desmistificar a ideia da “família desestruturada” como importante causa do fracasso escolar dos alunos da rede pública. Os dados obtidos permitem identificar também novas formas de organização familiar, com um número significativo de famílias nos quais a figura paterna encontra-se ausente.

Quanto à relação entre condições socioeconômicas e desempenho escolar, embora a mesma não tenha

sido identificada de forma direta, é possível supor sua influência indireta, mediada pelos recursos do ambiente familiar, uma vez que foi observada relação desses recursos tanto com o desempenho escolar, quanto com as condições socioeconômicas das famílias pesquisadas. Além disso, uma das possíveis limitações do presente estudo diz respeito ao fato da amostra apresentar pequena variação socioeconômica, em virtude dos participantes serem alunos da mesma escola (e professora), o que, entretanto, foi intencional, a fim de controlar possíveis efeitos da qualidade de ensino sobre o desempenho escolar.

É importante destacar que foi observada relação de dependência entre o nível de escolaridade das mães e os recursos do ambiente familiar. Os resultados obtidos sugerem que, quanto mais o ambiente familiar apresenta recursos culturais e um adulto capaz de mediar esses recursos, melhor o desempenho escolar da criança, e isso desde a Educação Infantil. Quanto mais escolarizada for a mãe, mais direcionados são os recursos do ambiente familiar para influenciar positivamente nas questões educacionais. Possivelmente, porque a figura da mãe é sempre mais presente no dia-a-dia da criança. Será ela a principal mediadora dos recursos do ambiente familiar, já que a escolaridade do pai não apresentou relação relevante.

Entretanto, nem sempre a mãe, ou responsável pela criança, possui nível elevado de escolaridade, o que mais uma vez aponta para importância dos educadores como os principais mediadores na construção do conhecimento escolar.

Não basta culpar a família quando esta, muitas vezes, tenta e cumpre, de acordo com suas possibilidades, com seu papel de apoiar a criança em relação às questões escolares. Por outro lado, o apoio familiar, muito cobrado pela escola, geralmente é dificultado também pela falta de uma melhor orientação por parte desta, sobre a melhor forma da família contribuir com a vida escolar da criança (cf apontam Soares, Souza e Marinho, 2004). E, talvez, a escola não oriente por não saber como, já que isto exige maior aproximação da família, a fim de conhecer quais são os recursos que ela dispõe, para poder, então, sugerir formas de contribuir com o trabalho escolar. Além disso, vale lembrar que, muitas vezes, a relação família-escola não passa de uma relação unilateral de informações e cobranças: a escola avisa os pais sobre as reuniões, os eventos, os problemas dos alunos e reclama sobre o mau comportamento, sobre dificuldades na aprendizagem da criança.

É necessário, portanto, incentivar o trabalho conjunto entre família e escola, buscando uma maior aproximação desses contextos educacionais, com vistas

à obtenção de metas e objetivos comuns. É inegável que a família tem um importante papel na vida escolar dos filhos. Se a escola atentar para essa preciosa influência, encarando as diferentes configurações familiares de forma menos preconceituosa e mais colaborativa, e fizer a sua parte, propiciando um ambiente rico em recursos culturais e atividades de ensino/aprendizagem significativas, certamente conseguirá melhores resultados.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*—Lei nº 9.394, de 20/12/1996.
- Chechia, V.A., & Andrade, A.S. (2005). O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar. *Estudos de Psicologia* (Natal), 10, 3, 431-440.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- D'Avila-bacarji, K.M.G., Marturano, E.M., & Elias, L.C.S. (2005). Suporte parental: um estudo sobre crianças com queixas escolares. *Psicologia em Estudo*, 10, 1, 107-115.
- Dessen, M.A., & Polonia, A.C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paideia – Cadernos de Psicologia e Educação*, 17, 36, 21-32.
- Fan, X., & Chen, M. (2001). Parental involvement and students' academic achievement: a meta-analysis. *Educational Psychology Review*, 13, 1, 1-22.
- Ferreira, M.C.T., & Marturano, E.M. (2002). Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15, 1, 35-44.
- Lacasa, P. (2004). Ambiente familiar e educação escolar: a interseção de dois cenários educacionais. In: C. Coll, A. Marchesi, & J. Palácios (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação* (2ª ed.): (Vol. 2: Psicologia da educação escolar, pp. 403-419). Porto Alegre: Artmed.
- Lahire, B. (2004). *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática.
- Marturano, E.M. (1998). Ambiente familiar e aprendizagem escolar. In C.A.R. Funayama (Org.). *Problemas de aprendizagem: enfoque multidisciplinar* (pp. 73-90). Ribeirão Preto: Legis Summa.
- Marturano, E.M. (2006). O inventário de recursos do ambiente familiar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19, 3, 498-506.
- Mello, S.L. de. (1992). Classes populares, família e preconceito. *Psicologia USP* (São Paulo), 3, 1/2, 123-130, 1992.
- Patto, M.H.S. (1997). A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. In *Introdução à Psicologia Escolar* (3ª ed.): (pp. 281-296). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Patto, M.H.S. (1990). *A produção do fracasso escolar*. São Paulo: T.A. Queiroz.
- Portes, E.A. (2000). O trabalho escolar das famílias populares. In M.A. Nogueira, & G. Romanelli (Orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares* (pp. 61-80). Petrópolis: Vozes.
- Santos, P.L., & Graminha, S.S.V. (2005). Estudo comparativo das características do ambiente familiar de crianças com alto e baixo rendimento acadêmico. *Paideia – Cadernos de Psicologia e Educação*, 15, 31, 217-226.
- Soares, M.R.Z., Souza, S.R. de, & Marinho, M.L. (2004). Envolvimento dos pais: incentivo à habilidade de estudo em crianças. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 21, 3, 253-260.
- Wang, M.C., Haertel, G.D., & Walberg, H.J. (1990). What influences learning? A content analysis of review literature. *Journal of Educational Research*, 84, 1, 30-43.
- Zago, N. (2000). Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In M.A. Nogueira, & G. Romanelli (Orgs.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares* (pp. 17-43). Petrópolis: Vozes.

Recebido em: 20/05/2010. Aceito em: 20/09/2010.

### Autoras:

Susie Helena Araújo Ferreira – <<http://lattes.cnpq.br/5800738280363566>>.  
Sylvia Domingos Barrera – <<http://lattes.cnpq.br/3566853005225129>>.

### Enviar correspondência para:

Sylvia Domingos Barrera  
Departamento de Psicologia e Educação – FFCLRP  
Av. dos Bandeirantes, 3900 – Monte Alegre  
14040-901, Ribeirão Preto, SP, Brasil  
E-mail: <[susie\\_helena@yahoo.com.br](mailto:susie_helena@yahoo.com.br)>  
<[sdbarrera@ffclrp.usp.br](mailto:sdbarrera@ffclrp.usp.br)>.